

(RE) CONSTRUINDO A SIGNIFICAÇÃO

Uma abordagem construcional na Língua Portuguesa

Marcelo A. Leite¹

RESUMO

A clássica compreensão da língua como somatório de itens lexicais e combinações das características dos mesmos na construção do sentido apresenta-se a nós como insuficiente. Partimos então de uma visão composicional dos fenômenos entendendo a elaboração do sentido como um fluxo entre item lexical, construção e cenas. Buscamos a prototipicidade de alguns itens, mas, em momento algum, entendemo-lo como um elemento isolado e passível de uma efetiva compreensão descontextualizado.

Palavras-chave: Construções, itens lexicais, cenas, significação, composicionalidade.

“Quando falamos uma língua sabemos muito mais do que aquilo que aprendemos.”

Chomsky

Conhecendo melhor a GC

As ponderações entre as relações de verbos e construções em português têm como ponto de partida três questionamentos básicos: Qual é a natureza da significação lexical, qual é a natureza da significação construcional e, por último, quando um determinado verbo pode ocorrer em uma determinada construção?

Há razões suficientes para supormos que, se por um lado, os itens lexicais não trazem consigo significação suficiente para a construção do sentido, as construções também não se apresentam como únicas responsáveis pelo processo

1- Professor da Fundação Educacional D. André Arcoverde
Saber Digital, v. 5, n. 1, p. 37-54, 2012

uma vez que, ajustando sintaticamente e relativizando o sentido a cenas, estruturas impõem restrições baseadas na concordância entre suas características e nas dos itens lexicais que as compõem. Para GOLDBERG, a relação entre construções e os verbos ocorre de modo muito peculiar e para uma compreensão mais ampla do processo é necessário cruzar as referências fornecidas tanto por um lado como por outro.

Todavia, antes de considerarmos necessariamente as relações construções-significados, foquemos um outro ponto que merece destaque em nossos estudos: a relativização do sentido à cena. Percebemos, logo de início, que não podemos falar de sentido como tendo uma estrutura interna, mas sim em uma relação de enquadramento a cenas ou estruturas² que o compõem.

Um exemplo desta relativização nos é apresentado por GOLDBERG como *telhado* e *teto*. Trata-se para a autora de uma questão de referência, já que em *teto* temos como referência o espaço interno da casa e *telhado*, o espaço externo. Ou mesmo o exemplo de FILLMORE (apud GOLDBERG) em que são opostas as formas *terra* e *chão*. A primeira como uma nítida intenção de contraste ao ar/mar. Os cenários em que ambas ocorrem é nitidamente distinto.

Em português, temos o exemplo da palavra subida e descida. Normalmente, as pessoas promoverão enquadramentos a partir de sua referência física. Aquele que tem como ponto de referência a base da ladeira³ comumente empregará o termo subida, já o que tem como base o topo tomará como usual o vocábulo descida. Temos um nítido caso do reconhecimento do indivíduo como ponto referencial para escolha lexical uma vez que o mesmo referente assume formas distintas que variam com o posicionamento físico do indivíduo. O homem talvez não seja a medida de todas as coisas como propunham os filósofos antropocêntricos, mas, de fato, a referência de toda a percepção de mundo. Tomamos o mundo a partir de onde estamos.

Por fim, lembremos de um exemplo clássico de estrutura de fundo que é o caso da palavra hipotenusa (LANGACKER, 1987 apud GOLDBERG) que só assim

2- Assim como GOLDBERG, cabe lembrar que esses termos são usados no mesmo sentido que FILLMORE (1975 e 1977b) o faz: percepção coerente individualizável, memória, experiência, ação ou objeto.

3- Temos também a palavra genérica que ao que tudo parece apresenta um uso menos frequente já que o falante tende sempre a se posicionar referencialmente na linguagem.

admite sua definição em função da existência de um triângulo retângulo. Não havendo o mesmo, o termo não é pertinente, pois sua existência condiciona-se à oposição a um ângulo de 90° (um ângulo reto).

Sendo assim, podemos constatar que tanto os verbos como os nomes envolvem estruturas semânticas significativas, quer dizer, sua significação deve incluir referências a uma rica estrutura de fundo com o mundo e o conhecimento cultural do indivíduo. A fim de retomar essa riqueza é necessário que nas palavras de FILLMORE devemos “*retomar uma estrutura conceitual amplamente construída*”.

Na gramática de construções, ainda assim, não convém, por sensatez, considerar que as construções do tipo **X faz com que Y receba Z**, por exemplo, dêem dimensões da semântica de um verbo, uma vez que a mesma se propõe muito mais a dar conta de aspectos relevantes de sua sintaxe assim como o universo de informações restritivas que circundam o item lexical do que propriamente de suas características intrínsecas. Retomamos, então, as considerações que apontam as construções como ponto de apoio à elaboração do sentido na relação *bottom-up/top-down* em um contínuo ir e vir para constituir a significação. Essas estruturas semânticas decompositivas correspondem sim ao que se chamaria de significação construcional.

A distinção que estabelecemos entre a semântica das construções e a significação do verbo permite que façamos as mais diversas associações, justificando assim a ampliação do sentido não em função do item lexical, mas de sua compatibilidade a um número mais racional de formas construcionais. Trata-se, pois, de um princípio de economia proposto pela Gramática de Construções que apresenta a polissemia como decorrente da realização de um item lexical dentro de múltiplos modelos baseados nas experiências físicas primárias do indivíduo com o mundo.

Podemos exemplificar esse princípio com inúmeros verbos em português e destacamos aqui o caso do verbo *pôr*. Foge a qualquer ideia de racionalidade entendermos que o falante nativo assimile as realizações semânticas de um verbo a partir do item lexical em si. Consideramos muito mais razoável que o que efetivamente se dê seja a manifestação do item dentro de um determinado tipo de construção. Observemos então os casos abaixo apresentados.

1. A menina pôs o livro sobre a mesa.
2. Galinhas põem ovos.
3. OMO põe a sua roupa mais branca.

No exemplo 1, o verbo pôr se encontra inserido na construção de movimento causado **X fez com que Y movesse para Z**. X (a menina) aplica um movimento a Y (o livro) em direção a Z (a mesa). Esse seria a construção mais prototípica desse verbo. No exemplo 2, mantemos a construção, mas produzimos um sutil distanciamento, pois ao falante, a ideia de X (a galinha) fazer com que Y (o ovo) se mova para Z (externo à galinha) fica em segundo plano e a nós cabe a percepção de que a galinha “produza” ovos. Ainda assim estamos falando de um grau de prototipicidade maior do que o que vemos no exemplo 3.

Nesse último caso, deu-se a inserção do verbo não mais em uma construção do tipo da anterior, mas em uma resultativa **X faz com que Y se torne Z**. Não poderíamos argumentar que estejamos lidando com dois sentidos do verbo pôr, mas sim com duas construções que orientam a mudança/geração de um resultado que implica alteração de estado de Y. Nesse caso, consideraríamos até mais adequado não lidarmos com duas variantes distintas sobre o objetivo, mas sim com a ideia de X fazer com que Y se torne Y' uma vez que não é outro elemento, mas o mesmo com mudança das características precedentes.

Entretanto, a observação das relações construções/itens lexicais leva-nos a supor que ocorre, então, uma relação de aceitação ou rejeição do item lexical baseada nas características do mesmo e da construção. Em alguns casos, consideramos o fenômeno denominado como *blocking*, isto é, a recusa do item que se pretende inserir por parte da construção. Por exemplo, uma construção que tem como sentido central original (*core meaning*) a ideia de movimento dificilmente aceitará um item lexical que tenha como característica central percepções sensoriais desprovidas da idéia de deslocamento físico. Além disso, observamos que, ao se focar o item lexical, vemos que ele também irá restringir o emprego de inúmeros verbos e adjuntos que poderiam ser associados ao mesmo. Podemos afirmar, então, que a expansão do significado só se dá por via de uma compatibilidade mínima dos itens e construções. Observe:

José falava suavemente
José gritava suavemente

Embora falar e gritar sejam basicamente atos similares de emissão de som por vias vocais, as informações que reunimos relativas aos atos em si incompatibilizam o ato de gritar com o advérbio *suavemente*. O mesmo se dá com construções do tipo movimento causado, ou seja, haverá a restrição do verbo a ser inserido na construção uma vez que o mesmo tem que, obrigatoriamente, trazer as características de movimento ainda que seja no nível de sua pressuposição.

A mãe sentou o menino na cama.

A construção do tipo **X fez com que Y movesse para Z**, onde X é a mãe, Y é o menino e Z é a cama, só comportaria verbos que trazem consigo a possibilidade de movimento executado ou cuja execução possa ser pressuposta a partir do mesmo.

Dessa forma, não caberia nela um verbo cujos traços de movimentos causados ou pressupostos estejam distante de sua significação básica, por exemplo, verbos como o *estar*, *ficar* e similares.

E por fim, observando o que levantamos no terceiro questionamento do parágrafo desse artigo (quando um determinado verbo pode ocorrer em uma construção?), destacamos um fator até então pouco considerado, a questão da relativização do sentido a cena. GOLDBERG nos apresenta casos como os de *furtar* e *roubar* em que observamos uma nítida mudança de foco da ação que dá relevância ao agente ou mesmo ao objetivo (objeto do furto).

Ele roubou o banco (de seu dinheiro).
Roubar <ladrão objetivo bens>

A ação de roubar implica necessariamente o efeito de agir sobre o objetivo, no caso, o banco e o dinheiro é entendido como uma metonímia presente na forma banco. Em furtar não se implica que o efeito seja necessariamente sobre a vítima (objetivo), mas recai fatalmente sobre o bens (objeto do furto)⁴.

4- É interessante observar que, na nomenclatura jurídica brasileira, essa distinção é claramente definida. Furtar é apropriar-se de algo indevidamente sem a presença do proprietário do mesmo. Por exemplo, um carro furtado na rua sem a presença do dono é enquadrado como furto. Por outro lado, roubar é apropriar-se de algo indevidamente com a presença do proprietário e, muitas vezes, com Saber Digital, v. 5, n. 1, p. 37-54, 2012

Ele furtou o dinheiro (do banco)
Furtar <ladrão objetivobens>

Podemos dessa forma concluir que a tríade léxico-construção-cena é de suma importância para a compreensão da elaboração do sentido e vemos que a interligação existente entre eles é o que permite estendermos as idéias de focar a língua como um universo de real composicionalidade e não somente nos níveis sintático e semântico. Partamos então para uma análise de alguns verbos em português a partir desse enfoque construcional.

Analisando casos de estruturas de bitransitividade

Apanhando idéias...

Baseados nas considerações iniciais, tomamos como exemplo para análise neste artigo dois verbos em português de comportamento comum em construções bitransitivas: o apanhar e o arrumar. Apresentemos, pois, o caso que nos inquieta.

O verbo *apanhar*, a princípio, apresenta-se como uma estrutura bitransitiva de difícil percepção, pois, muitas vezes, o argumento⁵ agente é o mesmo que o recipiente do objeto envolvido na transferência de posse. Segundo os dicionários mais conceituados da Língua Portuguesa⁶, as realizações possíveis dessas formas seriam, predominantemente, as seguintes.

Como verbo transitivo direto:

APANHAR

V. t. d.

1. Colher, recolher: *José apanhava as flores*

2. Tomar, segurar com a(s) mão(s): *Apanhou o rifle e saiu pela trilha*

3. Segurar com força; agarrar: *O vaqueiro apanhou o novilho.*

uso de coação e/ou intimidação. Por exemplo, um proprietário que tem o seu carro roubado por bandidos armados que o obrigam a sair do carro é um caso de roubo.

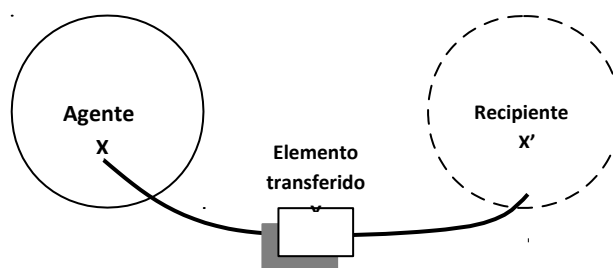
⁵ Adotamos nesse artigo a nomenclatura utilizada pela gramática de valência por considerá-la mais adequada e unificadora quando lidamos com termos de natureza sintática distinta como sujeito e objetos. Termo considerado a partir de BORBA (1996).

⁶ Tomamos como base o Dicionário Aurélio Eletrônico da Editora Nova Fronteira. Entretanto, em caso de alguma discordância de sentido recorreremos a obras como a de BUENO (1992).

4. Levantar do chão: *Ele se curvou para apanhar a carta*
5. Caçar ou pescar com rede, armadilha, etc. *Apanhou muitos peixes naquela tarde*
6. Prender, capturar, agarrar: *polícia apanhou o bandido em flagrante delito.*
7. Tomar, pegar (um veículo): *Saiu cedo para apanhar o último ônibus para o Rio.*

Até este ponto, temos uma nítida relação de transferência de posse ainda que o conceito de posse deva ser entendido não como pertencimento, mas como o deslocamento da área de X para a área de Y. No caso do verbo apanhar, temos X como o agente e X' como o receptor. Observemos o esquema na figura abaixo:

Figura 1



A figura acima apresenta o X como agente e recipiente da ação do verbo, talvez, por isso, seja de difícil identificação tal fato. O mesmo indivíduo que inicia a transferência também é o ponto de chegada da mesma ação. Dessa forma, entendemos que seria melhor manter a mesma variável para definir quem são os elementos envolvidos ao invés de fazer uso de outra variável. O que, de algum modo, poderia induzir o leitor a entender como dois elementos distintos (X e Y) e não o mesmo em uma ação reflexiva (X e X').

Daremos continuidade às possibilidades de realização do verbo apanhar no português.

8. Levantar, arregaçar: *Apanhou o vestido para não molhar os pés.*
9. Apoderar-se, assenhorar-se de. *Apanhou os bens do pobre coitado.*
10. Roubar, furtar: *Apanhou tudo que pode no exercício do cargo.*
11. Contrair, pegar (doença): *Ele apanhou uma gripe fortíssima.*

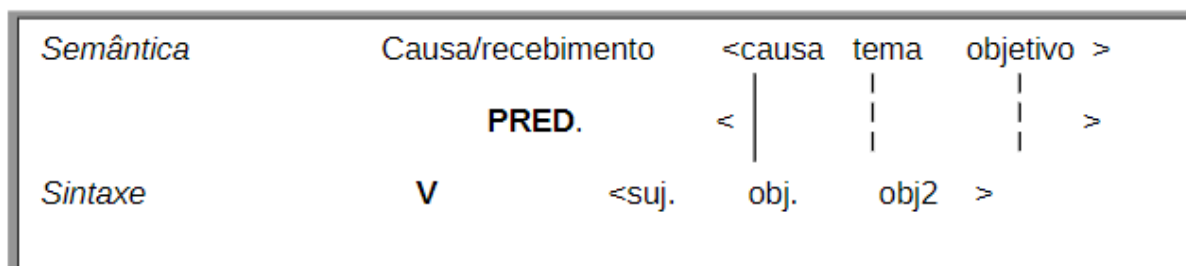
12. Ser atingido por (chuva, vento, sol, etc.); tomar, pegar: *De manhã é com para a apanhar sol.*
13. Receber, sofrer, tomar, levar: *Apanharás muitas lambadas pelas travessuras.*
14. Conseguir, obter. *Naquela época, apanhou um cargo de servente.*
15. Atingir, alcançar: *Correu muito, mas apanhou o fujão.*
16. Utilizar, aproveitar: *Apanhou-lhe a idéia e devolveu-a.*
17. Entender, compreender, apreender, perceber. *Apanhou rapidamente o sentido das minhas palavras.*
18. Adquirir; pegar: *Mudou-se para São Paulo e apanhou logo o sotaque da terra.*
19. Encontrar, surpreender, pegar: *Sempre que apanhava o adversário desprevenido, aplicava-lhe um soco.*

Nas formas desprovidas de complementos (VI) observamos os seguintes casos:

22. Levar pancada; ser espancado. *José vai apanhar por causa da travessura.*
23. Perder em luta, guerra, jogo, competição desportiva, etc.: *Meu time apanhou ontem.*
24. Demorar ou encontrar grande dificuldade em fazer, resolver, compreender, aprender alguma coisa: *Vai apanhar muito até resolver essa equação.*

Podemos afirmar que há uma construção básica à qual dedicaremos as próximas páginas deste artigo justificando tal fato com a teoria proposta pela Gramática de Construções. A apresentação mais prototípica do verbo em questão é a que esboçamos na seguinte figura que caracteriza uma construção bitransitiva.

Figura 2



Esse seria como nos foi possível perceber, o sentido mais prototípico do verbo *apanhar*. Temos um **X que faz com que Y receba Z**. Nessa forma mais básica, X o sujeito é o causador do recebimento, o tema é o objeto que sofre a transferência e o objetivo semântico é o segundo objeto (obj2). Tal interpretação permite-nos enquadrar casos como *José apanhava flores*, *ele apanhou o rifle*, *ele se curvou para apanhar a carta*, *saiu cedo para apanhar o ônibus*. Reiteramos que o que, talvez, gere alguma dificuldade na interpretação dessa construção seja o fato de ela estar com o causador (suj.) e o receptor (obj2) representados sintaticamente sobre o mesmo item lexical, o sujeito sintático.

Uma vez que entendemos e enfatizamos o princípio da composicionalidade construção/sentido (sintaxe/semântica) como um dos axiomas básicos de nossas análises, é natural pressupor que o reflexo dessa peculiaridade semântica seja projetado sobre a sintaxe da construção. Em casos como *a polícia apanhou o bandido em flagrante*, o sujeito *polícia* é o causador e ao mesmo tempo o receptor do tema, o bandido. Conforme evidenciamos no esquema abaixo sobreposto à construção prototípica do verbo:

Figura 3

<i>Semântica</i>	Causa/recebimento	<causa	tema	objetivo >
	PRED.	<		>
<i>Sintaxe</i>	V	<suj.	obj.	obj2 >
	APANHAR	Polícia	bandido	Polícia' >

No geral, sejam nas suas formas complementadas por objeto diretos ou indiretos, as construções sobre as quais se estruturam estes verbos são basicamente dessa natureza. Cabendo somente a ressalva de que se faz necessária a percepção do exercício de dois papéis semânticos pelo mesmo item lexical, pela mesma função sintática ⁷.

7- CUNHA & CINTRA (1985:373) observam que "... na voz reflexiva, o objeto direto ou indireto é a mesma pessoa do sujeito."

É importante mencionar que tal fato não é nada incomum na língua portuguesa, principalmente, quando operam os verbos com pronomes reflexivos como em *ele se olhou no espelho para pentear o cabelo*. Por sinal, uma construção que cada dia mais apresenta um apagamento desse pronome e apresenta-se em formas como *ele olhou no espelho*. É nítido, nesse caso, um sujeito que, ao mesmo tempo, é causador e recebedor da ação.

Entretanto, resta-nos ainda uma acepção do verbo *passar* que, a uma primeira vista, pode criar algum tipo de confusão a menos atenta análise. São os casos dicionarizados em 22, 23 e 24, *apanhar* no sentido de ser agredido.

José vai apanhar por causa da travessura.

Qual seria a transferência de “posse” passível de percepção nesta construção? A primeira vista nenhuma. Entretanto como afirmamos anteriormente e retornando aos conceitos de radialidade (LAKOOF, 1987) perceberemos que é uma realização da mesma construção distanciada do seu núcleo prototípico, mas diretamente relacionada a ele como podemos ver na análise que propomos abaixo.

Toda a questão se resume ao assumirmos que *apanhar* se enquadra nas mesmas construções que recebem formas como *tomar*, *receber*, ser atingido por conforme observamos o que nos foi arrolado nas pesquisas em dicionários. Ora, se tais itens lexicais operam nas mesmas construções e elas, de acordo com que GOLDBERG nos propõem, apresentam restrições aos mesmos ou compatibilidade, é possível supor que os traços que compatibilizam formas como *receber* são os mesmos que operam em casos como o de *apanhar*⁸.

Observemos o que nos mostra o caso abaixo.

8- Casos como esses são problemáticos quando se toma como instrumento de análise a tradicional a visão estruturalista dos compêndios gramaticais escolares. Nas considerações sobre voz passiva, definem os autores que, na voz passiva, o sujeito sofre ação, na ativa ele exerce. Entretanto, não é o que nos parece no caso de *apanhar*. Vemos que a semântica da construção é fator sine qua non para uma análise mais nítida. José, no exemplo proposto, não exerce a ação de *apanhar*. Mesmo porque ele só sofre esta ação porque, possivelmente, deixou de exercer outra ação como se defender, por exemplo. BECHARA (1999:222) faz uma providencial observação quanto a isso ao distinguir o que é voz passiva e passividade. O autor cita o exemplo de *Os criminosos recebem o castigo merecido* como um caso de sujeito com passividade.

José apanhou da mulher.

José recebeu agressões da mulher.⁹

Figura 4

<i>Semântica</i>	Causa/recebimento	<objetivo	tema	causa >
	PRED.	<		>
<i>Sintaxe</i>	V	<subj.	obj.	obj2 >
	APANHAR	<José	agressões	

Observemos que o comportamento da construção no nível semântico é o mesmo. Entretanto, os papéis sintáticos dos itens lexicais é que sofrem uma alteração, mas a idéia mais prototípica da construção de *X fazer com que Y receba Z* permanece inalterada.

Por fim, observamos, nesta primeira análise, que o verbo não se manifesta em múltiplas acepções, como podem supor, de forma pouco econômica alguns estudiosos da língua. Temos sim, algumas construções, frutos das percepções físicas primitivas humanas, que guardam consigo o sentido de transferência, movimento, resultatividade etc e sobre as quais se projetam os itens lexicais compatibilizados a ela.

No caso visto, percebemos que a idéia de transferência aplicada a uma construção bitransitiva é manipuladora dos sentidos possíveis de muitos verbos que a ela se adequam. O que se deve ressaltar é que, mesmo que o verbo se distancie de um núcleo prototípico, traços mínimos ficarão sempre presentes viabilizando a ligação de sua expansão de sentido a este núcleo.

Passemos, então, a outro caso mais complexo que é o do verbo *arrumar*.

9- Colocamos essa frase em contraste à de cima para que se veja a similaridade com uma típica construção do tipo bitransitiva e transferencial.

Arrumando as coisas.

As idéias a respeito desse verbo em português tomaram corpo durante as leituras sobre as considerações que GOLDBERG tece com relação ao verbo inglês *set* como em *Bill set the alarm clock onto the shelf* (Bill ajustou o despertador na prateleira) e *Bill set the alarm clock for six* (Bill ajustou o despertador para as 6). A referida autora tem como objetivo demonstrar que o uso do mesmo sentido central (*core meaning*) de um verbo em diferentes estruturas sintáticas não apresenta o mesmo efeito de processamento que vemos em casos reais de ambigüidade.

Motivados por isso, encontramos o verbo *arrumar* que, em português, apresenta no mínimo, quatro acepções aqui arroladas. A saber, frases que comportam estas possíveis realizações.

- 1) José arrumou o relógio.
- 2) José arrumou um relógio.
- 3) José arrumou o relógio na prateleira.
- 4) José arrumou o relógio para as 6 horas.

Com uma exemplificação, nesse caso, mais rica do que o que nos foi apresentado em inglês, observamos que, no exemplo 1, *arrumou* significa consertar, reparar. Corresponderia ao inglês *fix, repair*. Em 2, *arrumar* assume o sentido de *conseguir, obter* (em Inglês, *get*), a seguir vemos o mesmo verbo com na acepção de posicionar (exemplo 3). O mesmo caso apresentado por GOLDBERG também se segue em 4 com *set* servindo para a significação de *ajustar*.

Poderíamos supor que, diferentemente do que se poderia imaginar, não temos um verbo com múltiplas realizações, mas duas construções que, por compatibilidade, assume essas formas e constroem o que chamaríamos de expansão de sentido do verbo *arrumar*. Para adequar a teoria que apresentamos agora às acepções dicionarizadas dos verbos em questão e a sua análise, temos como base a Gramática de Construções¹⁰.

10- Oportunamente retornaremos às frases apresentadas no início dessa seção para fins de exemplificação e maiores esclarecimentos quanto à mudança de sentido apresentada pelo referido verbo.

ARRUMAR

V. t. d.

1. Pôr em ordem; arranjar, compor: Arrumou os livros da biblioteca.
2. Dar determinado rumo a; dirigir para; rumar¹¹.
3. Dar posição ou ocupação profissional; colocar, empregar: Conseguiu arrumar o filho na empresa em que trabalha.
4. Encontrar, conseguir, obter: Arrumou um bom emprego.
5. Conceber, imaginar, inventar: Arrumou um pretexto para ausentar-se.

V. t. d. e i.

6. Atirar, arrojear, arremessar: Arrumaram pedras às vidraças.

V. t. i.

7. Pôr de lado; acabar com; liquidar: Estava velho e cansado e resolveu arrumar com a loja.¹²

V. p.

8. Estabelecer-se, empregar-se, colocar-se: Desempregado a um ano, felizmente, agora, se arrumou.
9. Conseguir boa situação, sob o aspecto financeiro, sentimental, etc.; arranjar-se: Andou meio sem sorte, mas acabou por se arrumar.
10. Acomodar-se, arranjar-se, ajeitar-se: ...o desarranjo estava previsto e numa hora as coisas se arrumariam da melhor forma.
11. Avir-se: Nada tenho com isso: ele que se arrume sozinho.
12. Fam. Vestir-se, aprontar-se.

No sentido mais prototípico apresentado pelo dicionário, o referido verbo enquadra-se facilmente em construções resultativas do tipo **X faz com que Y se torne Z**. Dessa forma, podemos supor que, nesse tipo de construção, há uma mudança de estado de Y após a ação empreendida por X para que ele se torne Z.

Em *José arrumou o relógio*, observamos esse sentido que pode ser expresso pela seguinte esquematização.

11- Destacamos aqui que, embora o autor tenha mencionado este caso de construção de movimento intransitivo, o próprio não menciona qualquer exemplo que sustente essa acepção assim como nos parece muito estranha essa possibilidade apresentada para este verbo. Logo, diante dessa estranheza decidimos desconsiderá-la para a análise a que nos propomos.

12- Esta é outra construção que embora seja exemplificada pelos dicionaristas apresenta uma significativa estranheza ao falante nativo de nossa região (RJ). Todavia, consideramo-la dentro da possibilidade de ser uma variação diatópica da língua.

Figura 5

<i>Semântica</i>	Causa/mudança de estado	<Causa	tema	objetivo
>				
	PRED.	<		>
<i>Sintaxe</i>	V	<subj.	obj.	obj2 >

Aqui temos um fenômeno similar ao que ocorre com a forma de *apanhar* na medida em que temos uma função sintática de objeto direto (obj.) que repete o seu papel semântico em obj2. O *relógio* apresenta um estado anterior a ação de arrumar e no obj2. vemos a mudança de estado: arrumado, consertado.

Já destacamos caso similar nesse artigo com o verbo *pôr*. Na análise proposta, temos uma construção prototipicamente bitransitiva transferencial do tipo **X faz com que Y receba Z** para esse verbo. Entretanto, o verbo *pôr* admite assimilar-se em outras construções, no caso, uma resultativa que gera a mudança de sentido em relação a sua forma mais prototípica. É o que observamos em exemplos como o de *o sabão em pó põe sua roupa mais branca*.

Todavia, se, no caso de *pôr*, temos uma construção prototípica de bitransitividade transferencial e a possibilidade de inserirmos o mesmo verbo em uma construção resultativa, com o verbo *arrumar* se dá o contrário. Temos uma prototipicidade resultativa com possibilidade de assimilação por construções de natureza bitransitiva transferenciais dentro de um processo de distanciamento do núcleo prototípico do verbo.

Essa idéia de distanciamento de um núcleo retoma as idéias de LAKOFF (1987) sobre radialidade. Lembra-nos o referido autor que há uma subcategoria central com características definidas por um conjunto de modelos cognitivos convergentes, somado a isso há extensões não centrais que não são instâncias especializadas de uma subcategoria central, mas sim, variantes destas. Essas variantes não são geradas de um modelo básico por um conjunto de regras gerais, são, por outro lado, decorrentes de convenções específicas de cada caso e são apreendidas uma a uma pelo falante de uma língua.

Na verdade, essa aprendizagem *uma a uma* a que se refere LAKOFF, pode ser explicada pela possibilidade de enquadramento do verbo em construções que se

compatibilizam com suas características básicas. Isso nos dá um leque de construções básicas experienciais humanas que vão moldar o sentido e propiciar o distanciamento deste modelo central.

Observamos no caso do verbo em questão que há um afastamento deste modelo central, mas sem que haja uma perda do que, essencialmente, o liga a essa prototipicidade. Admitimos, então, enquadrarmos o verbo *arrumar* no mesmo esquema de construções de *apanhar*, só que numa via inversa, do resultativo para o bitransitivo transferencial.

Figura 6

Estrutura resultativa "José arrumou o relógio"				
<i>Semântica</i>	Causa/mudança de estado	<causa	tema	objetivo >
	PRED.	<		>
<i>Sintaxe</i>	V	<subj.	obj.	obj2 >
	ARRUMAR	<José	relógio	relógio' >
Estrutura bitransitiva transferencial "José arrumou um relógio."				
<i>Semântica</i>	Causa/recebimento	<Causa	tema	objetivo
>	PRED.	<		>
<i>Sintaxe</i>	V	<subj.	obj.	obj2 >
	ARRUMAR	<José	relógio	José' >

Sendo assim, o caso de *arrumar* com o sentido de conseguir, obter conforme registra o dicionário é justificado a partir desse enquadre à construção bitransitiva em que José é o causador e, ao mesmo tempo, recebedor da ação empreendida.¹³

Não nos estenderemos nas análises do verbo *arrumar* na frase *José arrumou o relógio na prateleira* e *José arrumou o relógio para as 6 horas* por considerarmos

13- Há uma observação que acreditamos ser oportuna nesse ponto, o uso do artigo indefinido. O uso deste aponta para um conjunto de características de um relógio, todavia, um relógio qualquer, como o próprio nome diz, indefinido. Por razões ainda pouco exploradas nos estudos que encontramos ao procurar algum indício dessa mudança de sentido, não se faz menção à percepção do falante com relação a essa peculiaridade. Parece-nos que a idéia de "o relógio" soa ao falante como um relógio de conhecimento definido e compartilhado pelos dois, inclusive quanto ao fato de ele precisar ser arrumado, consertado. Mais uma vez retornamos ao sentido relativizado pela cena básica (GOLDBERG, 1995)

que reproduziremos as observações feitas para as apresentações em construções mais prototípicas resultativas do tipo **X faz com que Y se torne Z**.

CONCLUSÃO

“Que contribuição o estudo da linguagem pode prestar à nossa compreensão da natureza humana?”

Chomsky

O presente estudo propõe-se a mapear de forma ainda incipiente o comportamento sintático-semântico de alguns verbos em português, no caso, os verbos *apanhar* e *arrumar*. Iniciamos o artigo com os três questionamentos colocados por GOLDBERG e, de certa forma, já nos é possível tecer algumas considerações mais nítidas a respeito.

A natureza de uma significação lexical encontra-se ligada intrinsecamente ao que denomina LAKOFF como MCI, modelos cognitivos internalizados. Cremos nisso, pois ao considerarmos as relações das construções e dos itens lexicais vimos que as mesmas se compatibilizam ou se repelem em função de informações que temos com relação às mesmas. Tais dados são assimilados pelo indivíduo no decorrer da língua e no seu contato com as palavras e experiências físico-psicológicas com elas.

No que se refere à construção lexical, podemos confirmar, já que GOLDBERG nos apresenta isso de forma bem clara em seu trabalho, que as mesmas têm sua origem em experiências físicas básicas do falante tais como deslocamento no espaço, relação de pertencimento (posse), mudança de estado, movimento etc. Essas vivências são as primeiras que temos em nossa existência e a percepção linguística se molda a partir do que entendemos de mundo, ou seja, a partir da intermediação física no mesmo. Tal conceito põe por terra a idéia de um item lexical com múltiplos sentidos e coloca em voga a econômica noção da língua como um conjunto limitado de construções que são apreendidas pelo falante em função de suas percepções físicas mais básicas e que se compatibilizam ou não aos itens lexicais dos quais dispomos um conjunto de informações na construção do sentido.

E por fim, o questionamento de quando um verbo pode ocorrer em uma determinada construção é respondido pelo que consideramos acima. As construções trazem relações diretas com nossa experiência mais básica, os itens lexicais reportam-se também a informações de que dispomos e que tem, por obrigatoriedade, que se compatibilizar com as conveniências da construção a que se incorpora. É o que denomina a autora como relações *bottom/up* e *top/down*, relações do item para a construção, da construção para o item. A esse princípio denominamos, princípio de composicionalidade. E a partir dele, toda a língua se constrói de forma econômica e coerente.

Apontamos dois verbos que mereceram destaque nesse breve estudo, entretanto, as ponderações sobre as construções presentes na língua ainda se encontram de forma muito incipiente em nosso idioma. Os trabalhos de que dispomos são baseados no inglês e cabe ao pesquisador de Língua Portuguesa buscar dentro do que é proposto como genérico universal das línguas o que se aplica ou não a nós.

Os estudos construcionais estão só começando, mas já apontam de forma promissora para mais uma maneira de se tentar entender como se processa a cognição humana em sua manifestação mais significativa, a linguagem. Cremos ser esta a mais efetiva contribuição das ciências da linguagem para o entendimento da natureza humana, o mapeamento do pensamento via língua.

E o começo é sempre assim, *arrumando a casa* e *apanhando* muito desenhamos, aos poucos, os processos de construção de sentido presentes na comunicação humana e entendemos um pouco melhor essa surpreendente máquina de sentido, homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 1999.

BORBA, F. S. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ed. Ática, 1996.

BUENO, F. S. **Dicionário escolar da Língua Portuguesa**. 11. ed. MEC/FAE: Rio de Janeiro, 1992.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio Eletrônico – século XXI**. Versão 3.0. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1999.

FILLMORE, C. et al. **Construction Grammar**. 120 A. University of Berkeley, California, 1990.

GOLDBERG, A. **Constructions**. A construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago, 1995. p. 1-66.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous**. Chicago: University Press of Chicago, 1987.

SAID ALI, M. **Grammatica Historica da Lingua Portugueza**. 2.ed. São Paulo: Cia Melhoramentos de São Paulo, 1921.